

ENCONTROS ESTÚDIO UM

Temas e Objectos do Desenho

#3. *Arquivo*

encontro realizado em 18.06.2012

Atualmente, o conceito de Arquivo supera a representação do depósito de informação visual que resulta do processo artístico, indexando os diferentes momentos sob a forma de registo estritamente documental. Pela sua consulta e transformação, o Arquivo é recriado e torna-se um espaço de associação de memórias, produzindo novas ideias e formas. Desde a escala do museu à dimensão privada do caderno de desenhos, o arquivo funciona como uma memória expandida* dentro do processo gráfico. As diferentes dimensões do arquivo como suporte do trabalho é a matéria de reflexão proposta na terceira edição dos Encontros Estúdio UM.

*Combinando as expressões 'Memory Extended' atribuída a Vannevar Bush e 'Expanded Field' de Rosalind Krauss.

Ana Luísa Rodrigues

António Gonçalves

Cláudia Amandi

Manuel Alves

Nuno Sousa

Marco Mendes

Natacha Antão

Agradecemos a colaboração dos participantes neste número. Os textos publicados e as respectivas imagens são da responsabilidade dos seus autores.

<http://www.estudium.org>



(#3) Organizado por:

Paulo Freire de Almeida

Miguel Bandeira Duarte

Trimestral, Dezembro de 2012

ISSN 2182-6749

Apresentação:
Arquivo como *Memória Expandida*

Paulo Freire de Almeida

Durante o século XX o trabalho preparatório do artista tornou-se um objeto de interesse em coerência com a crescente valorização dos processos e métodos de criação. Esse interesse começa por ser museológico e, posteriormente é integrado pelo próprio artista como o reconhecimento das raízes genuínas da sua criatividade. A publicação, cada vez mais precoce, do arquivo de estudos, desenhos e documentação do artista ou arquitecto, segue este sentido de divulgação do espaço privado do processo de trabalho, insinuando-se mesmo, uma certa mitificação dos cadernos, estudos e material disperso.

Do século XX, guardam-se algumas referências obrigatórias para o tema do arquivo como espaço visual gerador de ideias. De Aby Warburg, chega-nos a forma do Atlas onde se cruzam as imagens da história de arte numa visão inteiramente nova aberta às mais inusitadas relações. Ou a referência icónica a André Malraux, na fotografia tirada num ângulo superior do seu gabinete, onde o escritor francês se encontra absorto, contemplando o seu museu imaginário nas reproduções de pinturas dispostas no chão.

3 _____

O arquivo tornou-se um modelo de organização do trabalho onde se permite a consolidação de material por vezes residual e efêmero. E também, torna disponível essa informação para recriar relações transversais ainda impossíveis no momento de recolha da imagem isolada. Nesse sentido, o arquivo, sob a forma de organização indexada, ou sob a forma de Atlas (superfície onde se dispõe a informação) representa metaforicamente o processo de criação conjugando a memória e a expansão indefinida. Forma-se assim um espaço de memória em aberto, convidando a registar informação e prometendo a sugestão de novas ideias.

O arquivo entendido como um auxiliar da memória e da consciência histórica, assume o valor dinâmico de um espaço de disposição e exposição de imagens, objetos, sinais. Na sua interligação imprevisível o arquivo parece funcionar como uma *Memória Expandida*, combinando as expressões de Vannevar Bush (1945) e Rosalind Krauss (1979). Com efeito, Vannevar Bush⁽¹⁾ criou o modelo de hipertexto, idealizado no projeto de uma máquina de arquivo onde para cada referência, o utilizador poderia associar múltiplas pistas em função dos seus interesses pessoais. Designado por “Memex”, (*memory extended*), o arquivo mecânico imaginado por Vannevar Bush permitiria seguir o processo mental do utilizador em tempo real e, também, ampliar o seu espaço de informação, por possibilitar a associação de novos ficheiros e informação. Desse modo, seriam produzidas ligações sobre ligações, segundo a noção de “hipertexto”. Por sua vez, Rosalind Krauss⁽²⁾ criou a célebre expressão “escultura no campo expandido” onde representa a nova condição da arte, liberta dos formatos e caixilhos institucionais, adaptando-se e moldando o espaço da arquitetura e da paisagem e, dessa forma, assumindo dimensões e formatos indeterminados. Nesse caso, obras como *Atlas* de Gerhard Richter incorporam a natureza do campo expandido, anunciado o desenvolvimento orgânico e ilimitado feito sobre a própria pesquisa e recolha de imagens, por vezes fortuitas.

(1) Bush, Vannevar, *As We May Think*, 1945.

(2) Krauss, Rosalind, *Sculpture in the Expanded Field*, October, Vol. 8, Spring, 1978.

É sob essa condição de hipertexto e expansão que observamos hoje os nossos arquivos. Não apenas como depósitos inertes de material, mas como formas regeneradoras do trabalho. Para a terceira edição de encontros Estúdio Um, foram preparadas quatro apresentações onde, sob diferentes ângulos e escalas, se discute o tema do arquivo como impulsionador da criatividade e consolidação do conhecimento artístico. Na sequência da exposição realizada em Março de 2012 no espaço do Estúdio Um e intitulada “Afinidades Electivas”, Ana Luísa Rodrigues apresenta o espaço de parede do seu gabinete, onde durante vários anos organizou uma grande diversidade de materiais – fotografias, cartazes, desenhos – revelando-se agora esse conjunto como uma narrativa visual. Cláudia Amandi prossegue o tema da sua investigação sobre o processo criativo nas artes plásticas, pela análise do arquivo como laboratório de *Funções e Tarefas do Desenho*,⁽³⁾ com especial incidência na obra de Ellsworth Kelly e Ângelo de Sousa. A partir da perspectiva museológica, António Gonçalves dá o testemunho dos desafios na transposição das obras e objetos do espaço privado de Mário Cesariny para o espaço do museu, complementando essa experiência com uma série de desenhos seus, feitos a partir da ideia do arquivo jornalístico de recortes de jornal. Manuel Alves aborda criticamente o papel do diário gráfico como arquivo de percepções, especialmente pela disciplina da fugacidade e da surpresa, no registo das constantes mudanças imprevistas, tão próprias ao desenho de observação do quotidiano em movimento.

Do espaço público do museu, ao espaço do caderno, passando pelo gabinete de trabalho, estas diferentes dimensões e escalas convergem na condição laboratorial e experimental do arquivo como memória expandida, guardando em cada consulta e arranjo os sinais do passado e do futuro.

(3) Amandi, Cláudia, *Funções e Tarefas do Desenho no Processo Criativo*, FBAUP, 2010. (Tese de Doutoramento), onde também se poderá ver a referência ao “desenho como campo expandido” (p. 82), neste caso a partir de um texto de Castro Flores, “Robert Smithson, El Dibujo en el Campo Expandido” in Molina, *Estratégias del Dibujo en el Arte Contemporáneo*, Madrid, Cátedra, 1999.